

histórias da saúde

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 12 • 2012



Arquivo Criação

Notas para uma história do presente

Tania Mara Galli Fonseca

Leonardo Martins Costa Garavelo

Tania Mara Galli Fonseca, Doutora. Pesquisadora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e de Informática na Educação. Professora na Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: tfonseca@via-rs.net

Leonardo Martins Costa Garavelo, Professor. Psicólogo. Doutorando Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: leo.guaiba@gmail.com

1. Entrada para um tempo entre ruínas intensivas

Em uma sala com janelas longas, entre estantes metálicas e azulejos brancos, pinturas e bordados, escritas e desenhos de Cenilda Ribeiro, Frontino Vieira dos Santos, Natália Leite e Luis Guides¹ formam uma memória viva e colorida. As quatro coleções integram um acervo muito maior, onde empacotamos, organizamos e arquivamos mais de 100 mil obras de todos que participaram algum dia da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, na cidade de Porto Alegre/RS. É, literalmente, um deserto de papel pardo ocupando o quarto pavilhão do prédio histórico do hospital. Atualmente, o prédio inaugurado em 1889, abriga, em sua estrutura centenária, além do Acervo e da Oficina localizados no antigo pavilhão cirúrgico, outros setores também ocupam o prédio, como a Direção e o Memorial com a história do hospital, localizados no primeiro pavilhão, e oficinas de teatro localizadas no quinto. O velho hospital tem estrutura em forma de pente. Um longo corredor liga os seis pavilhões. Cada pavilhão tem dois andares e um porão. Escadas, mil portas, salas, salinhas e saletas. Uma grande estrutura com forro todo entrecruzado como cartas de baralho, como disse a arquiteta do hospital em conversas de corredor. Tijolos grossos, telhas em cerâmica. De acordo com Luis Artur Costa: “a construção de um prédio hospitalar, e de um hospício, por conseguinte, leva em consideração, na sua elaboração arquitetônica, a captura dos fluxos e a organização dos deslocamentos. Fluxos principalmente de: ar, luz e corpos.” (Costa, 2007: 62). Todo hospital é um imenso arquivo vivo e murmurante. O presente texto flana entre este ilimitado arquivo criando uma pequena embarcação móvel, sutil, provisória e efêmera chamada *pesquisa*.

No Acervo, uma importante ação de pesquisa refere-se à catalogação das quatro coleções já citadas. O exercício de catalogar entrelaça ações estruturais e gestos sensíveis. Conjuga dois tipos de ação: uma, extremante objetiva que se refere a medir a obra, analisar seu suporte e estado de conservação, conferir-lhe um número de registro; Outra, de cunho plenamente subjetivo, uma vez que ao catalogar, entra-se em contato direto e vivo com a obra, observa-se suas cores, seus traços, tempos e afectos.

Na lida objetiva da catalogação, e, por força do acaso, encontramos-nos, numa manhã de outono, com pinturas de Frontino Vieira dos Santos. Escrevendo sobre a chegada do acaso, Nietzsche afirma-o como potência de vida, sendo que o mesmo viria sempre a nosso favor uma vez que nos traria o presente (Dias, 2004). Assim foi. A Coleção Frontino, que já tinha sido totalmente catalogada, reunindo-se nela 648 pinturas a guache, ressurgiu para nós, do fundo do mar-arquivo, convocando-nos para olhar e manusear mais uma volumosa pasta de 136 obras. Sentimos, naquele momento, estar diante de um encontro alegre, no sentido spinoziano. Tratava-se de uma convocação não somente estética mas de cunho afectivo, que nos arrastou, com tudo o que tínhamos a oferecer de nós próprios, à ação criativa de observar, registrar e vir a escrever a vida que ali houvera depositado seus traços e cores deixando-se, mesmo

¹ Projeto de Pesquisa Cnpq: A Potência Clínica das Memórias da Loucura. Grupo de Pesquisa: Corpo, Arte e Clínica e Projeto de Extensão: Rizomas da Loucura com orientação da Profa. Dra. Tania Mara Galli Fonseca/ UFRGS.

após sua passagem existencial, rastros de suas singularidades. Desde aquele momento, viríamos saber em que estaríamos sendo exigidos quanto a este outro desconhecido. Ali, naquele novo conjunto de obras extraviadas e aparecidas tardiamente, desenhavam-se possibilidades intensivas de uma composição entre-corpos, num vai-e-vem de afectos e perceptos indispensáveis para que viéssemos a distender e acontecimentalizar vida e obra de Frontino.

Ao respirar e viver este arquivo, abrindo o corpo à pesquisa e criação, fomos tomados por uma dança delirante. Desta zona afectiva e vibrátil nasceu e verteu um importante problema da pesquisa: como escrever uma vida? Que condições e possibilidades o autor inventa para escrever uma vida? Escrever a experiência-instante tem uma boa dose de impossibilidade, pois sempre percebemos e escrevemos algo a menos do que acontece. Como, então, se torna possível grafar um encontro entre a vida de quem escreve e a vida de quem é escrito?

Nossa pesquisa encontra-se com o tempo-espço do arquivo que manuseávamos buscando seu plano intensivo e extemporâneo. Partimos com gestos de busca que não intencionam construir uma verdade única e totalizante. Trata-se, assim, de, através de palavras, efetuar a intenção de transmitir incontrolláveis sensíveis ao espaço-tempo da experiência, levando-se em conta que agora, formamos uma aliança estelar com um passado que se desvela como um presente infinito e para sempre inacabado. A pesquisa é um gesto de busca. Não uma busca para construir uma realidade única e contar tudo como foi e o que se passa obsessivamente. A invenção é um puro real acontecendo. Trata-se de uma busca que se efetiva em palavras e se efetua com a intenção de transmitir incontrolláveis sensíveis imanentes ao tempo-espço da experiência. Busca por escrever o instante do encontro com uma vida que não se pretende única, muito menos uma lei ou regra.

2. Arquivos murmurantes

Desde nossa experiência como leitores de um Arquivo da Loucura, seria por demais inocente deixarmos de expressar a zona claustrofóbica ali contida. Menos pela falta de ar e sim, justamente, pelo seu excesso. A ausência ressonante de ar, o ar pesado pela saturação de poeiras, fungos e traças de algum modo nos faz lembrar que, neste sentido, somente somos anjos no sentido mais cruel, porque, de agora em diante temos de concretizar um vir a ser pesquisador-arquivista que ousa profanar a história instituída para abrir-lhe pequenas lacunas de ar pelas quais o nosso sopro agita as poeiras de um tempo congelado e um tanto morto. Nosso sopro, como pesquisadores, pode vir a levantar um pequeno caos naquelas forças ali adormecidas em formas duras, já diagnosticadas e identificadas nos prontuários médicos. Este ar, que impele à desordem daquilo que parecia tão parado, imóvel e já enunciado, produz, portanto, um desdobramento. Possibilita novas composições elementais, torna-se inventor de um novo cosmos, porque opera como um “machado”, ferindo a crosta enregelada do corpo, liberando seu sangue, que parecia não mais existir.

Pensamos ser interessante perceber ou pensar quais enunciados traçam as linhas deste Arquivo sobre a vida de Frontino, e ainda, vida não só de Frontino, mas de todas as vidas que compõem os documentos do Arquivo, como é o caso daquelas que

foram escritas nos prontuários, ao longo dos 55 anos de internação. Imenso arquivo louco. O murmúrio que se presentifica no encontro com o arquivo-Frontino expressa também um murmúrio de um arquivo impessoal.

“O arquivo como lugar de exílio, não lugar, deserto – do mundo e do sujeito –, lugar em que o eu transforma-se em ele, lugar impessoal, do outro – este desconhecido e errante que libertou sua interioridade, que se fez superfície e tornou-se a própria ausência e que, por sua voz, possibilita um discurso sem autor, discurso de todos e de ninguém”. (Fonseca, 2010:35).

Ou seja, pretendemos uma análise arquivista a partir de traços deixados por Frontino durante sua existência, quer sejam suas obras, quer sejam os prontuários médicos a seu respeito. Somos conduzidos a um murmúrio de vozes grafadas num arquivo impessoal. De prontuários médicos, retiramos de seus econômicos e estereotipados registros, expressões como “gostava de andar limpo”, “toma banho mas tem que ser motivado”, “frequenta o grupo socioambiental”, “varre o pátio”, “nunca recebeu visitas”, “abandonado pelos familiares”, “sem documentação”, “situação jurídica indefinida”. Tais registros, de nosso ponto de vista, fazem parte do “diz-se”, operando em nós como uma voz anônima que, de uma forma especial se impõem ao sujeito que é falado e enunciado no sentido de seu apagamento.

Tal análise, entretanto, não será, neste momento, nosso objeto de discussão, sendo nossa intenção apontar para o fato de que os rastros escritos sobre Frontino nos papéis amarelados dos prontuários denotam, sem cessar, terem sido escritos desde uma perspectiva normalizante e moral, tendo como horizonte a chamada ressocialização. Apontam para o modelo tradicional de tratamento psiquiátrico de doença mental ao mesmo tempo que delimitam a zona de combate da própria relação terapêutica que, vista como relação entre corpos, alimenta de um lado a posição de um poder enunciativo performatizante e de outro, uma captura reativa frente a este mesmo poder.

Em nossa pesquisa no arquivo,

“deveremos anular o tempo, neutralizá-lo, dissolver-lhe a história, desbaratar-lhe as verdades, abolir-lhe os sujeitos, fazer soçobrar sua ordem par jogar um pouco de estranhamento e de insólito no mundo enfileirado. Esse, contudo, não desapareceria. Desdobrar-se-ia no outro dos mundos, exteriorizado de suas profundezas, colocado em relação com o Fora, possuindo outra versão, constituída de devires, espaço de deserto, do exílio, da errância”. (Fonseca, 2010:29).

Aqui encontra-se nossa zona de salto: nos raros registros sobre a vida de Frontino que pudemos encontrar, algo escapa, se expande, provoca horizontes. Ao “diz-se” sobre Frontino agrega-se, desta vez, a nossa voz impessoal, fugidia e imprecisa. Já não podemos considerar o arquivo apenas como “um lugar de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado. (...) o arquivo torna possível instituir como acontecimento aquilo que é arquivável. Ele nos mostra que não haveria desejo de arquivo não fossem a finitude e o esquecimento daquilo que se quer arquivar, não fosse, enfim a ameaça de sua destruição.” (Fonseca, 2010: 32).

A pesquisa arquivista faz-se atenta às fagulhas enunciativas, ruídos, murmúrios, expressões descabidas e loucas, registros esquisitos, folhas soltas, zonas e personagens obscuros, intuições delirantes e objetos condensados pelo tempo. Refere-se a ações de errância pelo deserto constituído de devires e acontece na experiência arquivo como um desembarque numa terra onde o saber não é concebido como lógico, formal ou interpretativo. Não se deseja interpretar informações e chegar a uma verdade discursiva, pelo contrário:

“é haver descoberto e medido esta terra desconhecida onde uma forma literária, uma proposição científica, uma frase cotidiana, um *non-sense* esquizofrênico, etc. são igualmente enunciados, mas sem medida comum, sem nenhuma redução nem equivalência discursiva. E é esse ponto que nunca foi atingido por lógicos, pelos formalistas ou pelos intérpretes. Ciência e poesia são, igualmente, saber. (Deleuze, 2005: 31).

Assim, nos referimos a um saber que se espirala pelos degraus frios de um tempo condensado sob nossos pés loucos. Passamos a conferir ao arquivo a qualidade poética de inventar um presente, movendo-se em sua estrutura movediça e paradoxal, por entre sua frieza metálica e as infinitas e silenciosas vidas que o constituem e desmancham. Por isso, o consideramos como composto de uma estrutura espectral: “nem presente nem ausente em carne-e-osso, nem visível nem invisível: torna-se uma casa assombrada na qual sempre há lugar para a verdade do delírio e da loucura trancafiada a sete chaves” (Fonseca, 2010: 31). Além de registros médicos, técnicos e judiciários, o dos homens infames se nos apresenta como uma zona intensiva, enunciativa e afectiva. Nas palavras de Foucault: “Essa pura existência verbal que faz desses infelizes ou desses facínoras seres quase fictícios, eles a devem ao seu desaparecimento quase exaustivo e à chance ou a esse azar que faz sobreviver, ao acaso dos documentos encontrados, algumas raras palavras que falam deles ou que eles pronunciaram.” (Foucault, 2003: 209).

3. O que passa entre as mãos de um pesquisador- arquivista?

Foucault está sentado em uma das mesas da Biblioteca Nacional francesa. Certamente suas mãos estão cheias de um típico pó de papel antigo. Ele examina documentos dos séculos XVI e XVII. Esta é a imagem do pesquisador que intentamos invocar. Existe desejo de pesquisa e vontade de arquivo. Entre as memórias intensivas condensadas na biblioteca, Foucault escreve o belíssimo texto chamado de “A Vida dos Homens Infames”. Em 1973, ano de publicação, o autor já havia publicado alguns de seus principais livros, era um filósofo reconhecido e, ainda assim, continuava a frequentar a biblioteca à procura de registros de vidas anônimas que, em algum momento, cruzaram com o poder. É desta vontade de arquivo que estamos falando. Trata-se de um modo de pesquisar que nos leva inevitavelmente à problematização da função autor, não apenas no sentido foucaultiano, mas também naqueles de Maurice Blanchot e Roland Barthes.

Aqui, situamos outro aspecto de nosso pesquisar arquivos da saúde mental: como escrever, como falar e tratar matérias expressivas encontradas nos arquivos de um hospital psiquiátrico? Ou seja, como ir além daquilo que fora enunciado nos prontuários

médicos e no “diz-se” dominante, cujos ditos e escritos entendemos como reduzidos a um racionalismo que elide a diferença?

Através da leitura do livro “Foucault” de Gilles Deleuze colhemos a seguinte afirmação: “Foucault junta-se a Blanchot, que denuncia toda “personalogia” linguística e situa lugares do sujeito na espessura de um murmúrio anônimo. É no murmúrio sem começo nem fim que Foucault pretende se estabelecer, no lugar que os enunciados lhe reservam.” (Deleuze, 2005: 19). Desde nossa posição frente à história da loucura, pensamos que de modo algum se trata de criar um personagem-Frontino e um personagem-pesquisador-biógrafo. Pelo contrário: escolhemos um caminho difícil: o da imprecisão entre quem fala e quem é falado, entre quem escreve e quem lê. Escolhemos o rio das vertentes que se bifurcam, escolhemos “a arte de caminhar em duas direções (que) faz do biógrafo o amante das superfícies por justamente não temer as profundidades. Nada há de mais secreto – por detrás – a ponto de tornar a superfície mais ou menos verdadeira.” (Costa, 2011: 48).

Em ventania arquivista, um importante sopro conceitual vem com Michel Foucault, principalmente, com a leitura de “A Vida dos Homens Infames”, não só por uma espécie de semelhança metodológica, mas essencialmente pela verve textual que estes escritos transmitem. Tal texto foi

“...concebido originalmente como um prefácio de uma antologia de documentos de arquivo, registros de internamento ou de lettres de cachet, em que o encontro com o poder, no mesmo momento em que as marca com a infâmia, arranca da noite e do silêncio existências humanas que, do contrário, não teriam deixado nenhum sinal de si.” (Agamben, 2008:144).

Como teria sido a vida de Frontino se ele não tivesse sido internado? Algo sempre escapa nesta pesquisa arquivista. No encontro com o arquivo do HPSP e do Acervo, colhemos resquícios daquilo que Foucault chamou de “existências-relâmpago” e “poemas-vidas”, em sua pesquisa realizada entre os anos de 1977 e 1979. Ao decidir pesquisar e publicar estes arquivos, Foucault escreve que: “quis que se tratasse sempre de existências reais: que se pudessem dar-lhes um lugar e uma data; que por trás dessas palavras rápidas e que bem podem ser, na maioria das vezes, falsas, mentirosas, injustas, exageradas, houvesse homens que viveram e estão mortos, sofrimentos, malvezas, ciúmes, vociferações.” (Foucault, 2003: 206). Tomamos literalmente a frase e o desejo foucaultiano: uma existência real – Frontino Vieira dos Santos; uma data e um espaço: 1914, ano de nascimento; 26 de setembro de 1938, data da primeira internação; 25 de março de 1939, data da alta que durou dez dias (04 de abril de 1939). De 1914 até agora, existem futuros e passados que se presentificam no instante em que os sentidos da leitura encontram a superfície afectiva do texto, bem ali, onde se sobrepõem tempo e espaço, onde o tempo do acontecimento toma conta, fazendo do espaço, um tempo-criador, fora dos eixos e infinito.

Para realizar esta pesquisa biográfica a partir da vida de Frontino, não apenas os prontuários e registros médicos-técnicos e estagiários serviram-nos de base e motor da escrita. Foram, sobretudo, as pinturas de Frontino que conseguiram nos afectar e nos colocar em compasso de variação. Levaram-nos a imaginar e a intuir, atentos que

estávamos ao que Foucault dissera sobre os fatos da história, dos arquivos, dos poderes e da potência para a invenção do presente.

4. Como escrever uma história do presente?

Não entramos neste barco e não alçamos suas velas nos intempestivos ventos arquivistas, sem antes ter lido *A Segunda Consideração Intempestiva* de Nietzsche. Nela, afirmamos a história, uma vez que se encontra a serviço da vida, se encontra a serviço de um poder a-histórico, “(...) mas a pergunta: até que grau a vida necessita em geral do auxílio da história? É uma das perguntas e preocupações mais elevadas no que concerne a saúde de um homem, de um povo, de uma cultura”. (Nietzsche, 2003: 17). Com Nietzsche, criamos aquilo que podemos chamar de uma prudência viva, ou seja, nossa leitura nos faz atentar ao excesso de história pelo qual a sociedade no modo geral tem passado. Nossa visão de história, intrínseca a Foucault e a Nietzsche, busca os acontecimentos sub-reptícios, os sussurros, trabalha com vidas marginalizadas, míseras, que passariam sem deixar vestígios mas que, ao cruzarem com o poder, produziram algum registro, deixaram algum rastro, um vulto.

“Para que alguma coisa delas chegue até nós, foi preciso, no entanto, que um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar. O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que nos restam. (...) todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder.” (Foucault, 2003: 207).

Nosso modo de pesquisar o arquivo de vidas-loucas, encarceradas pela longa internação, refere-se a escrever biografias de vidas esquecidas, marginalizadas, nunca consagradas pelo discurso dos vencedores. Vidas que passam debaixo dos discursos estabelecidos, ficando na corda bamba entre o total esquecimento e uma remota possibilidade de expressão. Nosso arquivo de obras expressivas, elemento essencial de nosso campo empírico o Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, carrega esta potência de esquecimento e memória, de discurso e silêncio.

“Entre memória obsessiva da tradição, que conhece apenas o já dito, e a demasiada desenvoltura do esquecimento, que se entrega unicamente ao nunca dito, o arquivo é o não dito ou o indizível inscrito em cada dito, pelo fato de ter sido enunciado, o fragmento de memória que se esquece toda vez no ato de dizer ‘eu’.” (Agamben, 2008: 145).

Inverte-se o método hegemônico de história, onde contaríamos uma biografia de um general, um padre, um bispo, um psiquiatra, contaremos agora uma vida desses

que nos acompanham na beira do abismo, vidas obscuras, irmãs da noite, vidas desses que poderíamos chamar como um “guerreiro contra seu tempo” (Nietzsche, 2003: 58).
Segue Foucault:

“Quis também que essas personagens fossem elas próprias obscuras; que nada as predispuesse a um clarão qualquer, que não fossem dotadas de nenhuma dessas grandezas estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem a esses milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro.” (Foucault, 2006: 206).

Já com a mirada à foz deste sopro arquivista, abordaremos outro texto escrito por Michel Foucault em 1980, intitulado *A Poeira e Nuvem*. Em um dos fragmentos deste texto chamado “Acontecimentalizar”, buscamos outro vento importante nesta geografia arquivista. Foucault pergunta:

“O que se deve entender por “acontecimentalização”? Uma ruptura absolutamente evidente, em primeiro lugar. Ali onde se estaria bastante tentado a se referir a uma constante histórica, ou a um traço antropológico imediato, ou ainda a uma evidência se impondo da mesma maneira para todos, trate-se de fazer surgir uma “singularidade. Mostrar que não era tão necessário assim.” (Foucault, 2003: 339).

Nesse sentido, podemos pensar que tudo aquilo que está sendo pesquisado no arquivo e que aparece ou é tomado como acabado, evidente ou dado, deve ser posto sob suspensão e traçar uma ruptura inicial para pensá-lo em suas singularidades. Considerando por exemplo, o enunciado:

“(…) o lugar dos loucos é no hospício que pode pertencer a formações discursivas completamente distintas, conforme proteste, como no século XVIII, contra a confusão de presos com loucos; ou reclame, ao contrário, como no século XIX, asilos que separem os loucos dos presos; ou, ainda, se for levantada, hoje, como uma evolução no meio hospitalar.” (Deleuze, 2005: 22).

Precisamos fazer uma ruptura no enunciado já dado e eternamente repetido, problematizando que não era tão evidente que os loucos fossem reconhecidos como doentes mentais; não era tão evidente que a única coisa a fazer com um delinquente fosse interná-lo; não era tão evidente que as causas da doença deveriam ser buscadas no exame individual do corpo, etc...

Retomando: além de tratar o arquivo como espaço impessoal, histórico e a-histórico, repleto de enunciados, coexistência de tempos, murmúrios e rumores; espaço-tempo onde podemos encontrar resquícios e vestígios de vidas infames que cruzaram com o poder, entendemos que precisamos fazer uma “ruptura das evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas. Tal é a primeira função teórico-política do que chamaria “acontecimentalização”. (Foucault, 2003: 339). O acontecimento traduzido em sentido e analisado “pelos múltiplos fatores que o constituem.” (Idem, ibidem: 339).

Modos de acontecimentalizar um arquivo, estes escritos partem desta dimensão arqueológica, histórica, arquivista. As frases, exames, proposições e enunciados contidos no prontuário de Frontino, bem como suas obras, registros nos diários da Oficina de Criatividade e rumores de ruína, formam o campo empírico de nossa pesquisa. Ao manusear o arquivo no Acervo, a ponta dos dedos acumula pouco a pouco uma fina camada de poeira e fungo. É como se nossos dedos fossem conservando “em suas digitais” pequenas partículas de terra... “são as últimas partes infinitamente pequenas de um infinito atual, estendido num mesmo plano, de consistência ou de composição”. (Deleuze; Guattari, 1997: 39). A partir do encontro com o arquivo, encontramos um homem com olhos de pedra. Não escrevemos a sua vida. Escrevemos a nossa vida que encontra a sua. Do rosto, que mira a folha, escorrem águas de arquivo, os pulmões que respiram estas letras estão contaminados com uma matéria minúscula, invisível aos olhos, que integra em seu corpo, quase ausente, uma sutil potência de respirar paisagens, flunar por mundos esquizos, soprar uma invenção com a crueza da imanência e do *non-sense*.

Com as mãos na terra, dedicamos esta escrita a uma pequena ação micropolítica: escrever no encontro com uma vida infame, “vidas ínfimas que se tornaram cinzas nas poucas frases que as abateram” (Foucault, 2003: 204). Algo como dar voz a uma voz apagada, irmã da miséria e do pó. Com isso, investigar a insanidade para compreender a sanidade, “para compreender as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar as relações.” (Foucault, 1995: 234) Investigar os registros deixados por uma vida, suspeitar seus possíveis e compor uma escrita que afete o leitor ao ponto de fazê-lo pensar sobre a condição que o louco vive. Poderia o texto ser a terra nas mãos do leitor? O que pode o narrador ao revirar os ossos? O que devém dessa experiência?

Ao pesquisar o magro prontuário do Frontino, permanece um sentimento estendido de incompletude. Não só o ar de arquivo é rarefeito como suas terras são pequenas ilhas soltas. Destas terras, pouco habitadas, brotam datas, siglas estranhas, exames fisiológicos, receitas de medicamentos e brevíssimas frases sobre o cotidiano de Frontino. Situamo-nos, aqui, diamte do excesso do arquivo, ou seja, daquilo que ele não diz, daquilo que ainda se encontra no silêncio. Analisar o prontuário faz pensar mais sobre o que não consta ali do que propriamente o registro de algum acontecimento, isso do ponto de vista das evidências. São registros curtos, feitos para facilitar a comunicação entre equipe multidisciplinar composta por médicos, enfermeiras, técnicos de enfermagem, terapeutas ocupacionais, psicólogos, etc. e, ao mesmo tempo, não pode ultrapassar uma velada e rígida moral profissional evidentemente marcada por um código que enfraquece tanto a ciência como a narrativa. Tal ética difere da ética spinoziana imanente à pesquisa que trata das composições entre o poder de afectar e ser afectado, uma ética como potência de agir onde cada indivíduo pode ser definido como um grau de potência singular e pelo poder de afectar e ser afectado.

5. Platôs

Dispomos de datas de nascimento, data de internação, cidade natal, nomes de pai e mãe, datas das mudanças de unidade terapêutica, algumas frases soltas de um

cotidiano ao mesmo tempo longo e fugaz. Estamos diante de dois trilhos do tempo: um cronológico e um intensivo, mas ambos formam uma passagem. Num primeiro momento, sentimos sede de narrativas, enquanto mal observamos a intensidade imanente a cada detalhe. Ler e reler. Repetir, matutar, folhar e folhar. Então, como uma fruta cai sozinha do pé no meio da noite, passa um raio pela sobra do dia! As datas encontradas no prontuário nos arrebata. Um sopro: usar as datas como platôs. Gilles Deleuze e Félix Guattari escrevem: “Gregory Bateson serve-se da palavra “platô” para designar algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior.” (Deleuze; Guattari, 1995: 33). Ora, a análise dos prontuários e a experiência no Acervo nos conduziram para uma zona imprecisa e sutil na qual foi possível sentir justamente uma coexistência de intensidades, tempos e matérias expressivas. Algumas datas potentes tornaram-se, ao nosso ver, platôs. Os autores franceses continuam: “Chamamos “platô” toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas de maneira a formar e estender um rizoma.” (Idem, Ibidem: 33). Compomos com esta noção de platô e rizoma, o pensamento e escritura de Robert Smithson: “A superfície da terra e as ficções da mente têm um modo de se desintegrar em regiões distintas da arte. Vários agentes, tanto ficcionais como reais, de alguma forma trocam de lugar entre si – é impossível evitar o pensamento lamacento quando se trata de projetos de terra”. (Smithson, 2006: 182).

Trata-se assim, de tomar a escritura no sentido que François Zourabichvili aponta sobre a obra de Gilles Deleuze: “tentar compreender seus conceitos como não sendo metáforas; embora seja evidente que as palavras não são usadas de acordo com aquilo que chamamos de sentido “próprio.” (Zourabichvili, 2005: 1312). Não desqualificamos ou desvalorizamos a metáfora, nem esta era a intenção deleuziana. Tomamos a palavra ao mesmo tempo como matéria e intensidade. As palavras compõem mundos e nenhum está além ou aquém deste.

Palavras e rochas contêm uma linguagem que segue a linguagem das fendas e rupturas. Olhe para uma qualquer palavra por bastante tempo e você vai vê-la se abrir em uma série de falhas, em um terreno de partículas, cada uma contendo seu próprio vazio. (...) as certezas do discurso didático são arrastadas na erosão do princípio poético. (Smithson, 2006: 191).

Caminhar pelas ruas onde Frontino nasceu, farejar enunciados num arquivo louco, cruzar com internos do hospital psiquiátrico que ainda vivem entre seus corredores, caminhar pelas ruas da cidade, em que Frontino teria saído nos dias que ficou fora do hospício, com o vento a tingir tudo com os traços das cores de Frontino, beber o gelado caldo de instantes contidos numa fotografia. Ousar, por mais difícil e praticamente impossível que seja.

O platô: uma pele, superfície rizomática. Um meio, lugar sem início nem fim: “um rizoma não começa nem conclui ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intemezzo. (...) o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisa adquirem velocidade. (...) riacho que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (Deleuze; Guattari, 1995: 37). Um plano de composição. “Um campo de

experiência pura, que Deleuze chama de plano de imanência. Com efeito, se este campo é constituído de relações, não o atingimos senão nos tornarmos capazes de amarrar essas relações, isto é, se escrevemos e falamos literalmente.” (Zourabichvili, 2005: 1319). Por isso, a intenção de falar em platôs: para fazer relacionar os tempos, os conceitos, as experiências com o encontro de uma vida, uma imanência. Para fazer relacionar e não cair em um mero plano de fluxos, criamos nesse texto, uma superfície de encontro possível. Os platôs são essas terras onde os tempos coexistem, que se relacionam com todos e quaisquer elementos em composição. E (aqui uma expressão delirante) as composições não são programadas, nem certas, muito menos únicas. Há sempre um espaço-tempo que escapa, está sempre variante, depende do leitor e das infinitas composições singulares que se criarão.

Talvez a loucura corresponda também a olhar num sentido mais inclinado, correspondendo a uma espécie de viagem onde a pele tece sentidos novos entre corpo e mundo. Referimo-nos a batucadas no peito vibrando vontades de viagens. A viagem, aqui, é uma imersão numa breve experiência com a escritura, leitura e loucura. “No começo, bem antes de todo gesto, de toda iniciativa e de toda vontade deliberada de viajar, o corpo trabalha, à maneira dos metais, sob a ação do sol.” (Onfray, 2009: 11). Os olhos atentos ao detalhe, ao mísero, à poeira, as mãos recolhem fragmentos, trapos que resistem alojados nos cantos. “O fragmento recolhe com simpatia nossas ninharias, falhas, contradições, disparates. Enfim, tudo que de residual a vida emana.” (Preciosa, 2010: 24). Na composição de fragmentos, ganhamos fôlego para expressar ressonâncias que tocam a borda do que devém no instante. Produzimos uma narrativa que suspira nos entretempos de uma vida, nas curvas de um caminho estrangeiro cujos percursos inesperados provocam uma viagem louca. Diz Onfray que somente a escrita “circunscreve os cinco sentidos, e mais. O trajeto conduz das coisas às palavras, da vida ao texto, da viagem ao verbo, de si a si” (Onfray, 2005: 100). A viagem, se chegamos até aqui, é nossa. Fizemos os percursos desejados e possíveis, os caminhos estão aí. Sem ordem. Só elementos delirantes em composição com palavras e instantes. Se os autores forem felizes, algo durará.

Escreve Clarice Lispector em “A Paixão Segundo G.H.”:

“(…) vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir – nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio.” (Lispector, 1986:94).

Referências:

- AGAMBEN, Giorgio – *O que resta de Auschwitz: arquivo e testemunho*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008. 168 p. ISBN 978-85-7559-120-8.
- COSTA, Luciano – *Estratégias biográficas: biografemas com Barthes, Deleuze, Nietzsche, e Henry Miller*. 1a. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. 177 p. ISBN 978-85-205-0623-3.
- COSTA, Luis Artur. – *Brutas Cidades Sutis: espaço-tempo da diferença no contemporâneo*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. 222 p. Dissertação de Mestrado.
- DELEUZE, Gilles – *Foucault*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. 144 p. ISBN 85-11-12050-5.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. – *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 1995. 96 p. ISBN 85-85490-49-7. Volume 1.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. – *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 1997. 176 p. ISBN 85-7326-050-5. Volume 4.
- DIAS, Rosa – “A vida como vontade criadora: por uma visão trágica da existência”. In FONSECA, T; ENGELMAN, S. – *Corpo Arte e Clínica*. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2004. ISBN 85-7025-788-0. p. 131-146.
- FONSECA, Tania. – “Vidas do Fora e a escreitura de um mundo incontável”. In FONSECA, T; COSTA, Luciano – *Vidas do Fora: habitantes do silêncio*. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. ISBN 978-85-386-0087-9. p. 23-45
- FOUCAULT, Michel – “A Poeira e a Nuvem”. In FOUCAULT, M. – *Ditos e escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2003. ISBN 85-218-0313-3. p. 323-351.
- FOUCAULT, Michel – “A vida dos homens infames”. In FOUCAULT, M. – *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder e Saber*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 85-218-0313-3. p. 203-222.
- FOUCAULT, Michel – “O Sujeito e o Poder”. In DREYFUS, H; RABINOW, P. – *Michel Foucault: uma trajetória para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. ISBN 85-218-0158-0. p. 231-249.
- LISPECTOR, Clarice – *A Paixão Segundo G.H.* 13ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 178 p. ISBN 79-0424.
- NIETZSCHE, Friedrich – Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida. 1ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. 102 p. ISBN 857-316-329-1.
- ONFRAY, Michel – *Teoria da Viagem: poéticas da geografia*. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2009. 112 p. ISBN 978-85-254-1918-7.
- SMITHSON, Robert – “Uma sedimentação da mente: projetos de terra”. In FERREIRA, G; COTRIM, C. – *Escritos de Artistas: anos 60/70*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. ISBN 85-7110-939-7. p.182-197.
- ZOURABICHVILI, François – “Deleuze e a questão da literalidade”. *Educação e Sociedade*. Campinas: UNICAMP. ISSN 0101-7330. N.º 93 (2005) p. 1309-1321.